

Sonoridades, formação e práticas musicais: memórias de uma professora de flauta doce

GTE 08- Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica

Comunicação

*Maria Cecilia de Araujo Rodrigues Torres
mariaceciliaartorres@yahoo.com.br*

Resumo: Nos limites deste trabalho trago algumas narrativas de si, como uma professora de flauta doce e flautista ao longo de mais de 40 anos, em uma mescla de sonoridades, momentos de formação, contextos e afetos que foram me constituindo com/na docência e prática da flauta doce. Constitui-se como um relato de experiência e está embasado nas reflexões e discussões de autores da educação musical/flauta doce e do campo da pesquisa (auto)biográfica tais como Pineau, Passeggi e Abrahão, dentre outros. O objetivo é de socializar estas memórias revisitadas após o momento da aposentadoria e poder compartilhar com colegas da área alguns questionamentos que me acompanham durante décadas, no sentido de refletirmos sobre os momentos de formação de/com a flauta doce.

Palavras-chave: flauta doce, narrativas (auto)biográficas, memórias musicais

Narrativas iniciais

Ao escolher esta temática para compor estas narrativas e compartilhar momentos vividos com/na docência e prática da flauta doce, trago as palavras de Passegi (2021) nas quais a autora nos convida a revisitar estes “arquivos de experiências vividas” e nos lembra que:

A reflexividade narrativa põe em jogo a memória autobiográfica, aqui entendida como uma disposição humana a preservar na memória palavras, gestos, sons, sabores, perfumes..., que constituem arquivos de experiências vividas, projetadas, sonhos e impressões, que constituem nosso capital biográfico. Esse arsenal de lembranças, impressões, gostos-desgostos são acessados voluntária ou involuntariamente, mediante a capacidade humana de refletir narrativamente para dar sentido ao que é contado, descrito, explicitado (PASSEGGI, 2021, p. 12).

Faço a abertura deste trabalho a partir de alguns questionamentos que me acompanharam ao longo de mais de 40 anos como flautista doce e professora desse instrumento, como alguém que atuou em diferentes contextos, ora com grupos de crianças em escola de educação básica, outras vezes com jovens e adultos em escolas específicas de música ou em aulas particulares na casa da professora ou dos alunos.

Dessa maneira, trago nesse momento de escrever sobre essa temática, perguntas para refletir e compartilhar com os colegas: Quais são os significados de trazer as memórias de uma professora de flauta doce para socializar neste GTE de Pesquisa (auto)biográfica e Educação Musical da ABEM?, Será que o trabalho de/com flauta doce em cursos de licenciaturas em música é um tema que interessa para um debate da área de educação musical? Quais são os repertórios musicais para trabalhar nas aulas coletivas com adultos, em cursos de licenciatura em música? Será que iniciamos o trabalho com a flauta doce soprano ou com a flauta doce contralto?

Certamente essas e muitas outras questões foram surgindo no decorrer desses anos de docência e de práticas instrumentais coletivas com a flauta doce e, esclareço, que não tenho a pretensão de responder a todas, mas sim de propor outras e também de ampliar o diálogo com colegas de área que atuam/atuaram como professores de flauta doce e flautistas.

Cabe lembrar que ao longo deste texto busco trazer um diálogo ancorado em autores da área da educação musical e da flauta doce, já citados anteriormente, na

perspectiva de entrelaçarmos nossas histórias e memórias com alguns autores do campo da pesquisa (auto)biográfica como Pineau (2020), Passeggi (2011, 2021), Abrahão e Maffioletti (2016), Abreu (2017) e com todas as colegas que constituem o movimento (auto)biográfico da Educação musical no Brasil.

Não tenho a intenção de fazer um “Estudo da Arte” com o levantamento bibliográfico de todas as obras relacionadas à flauta doce no contexto brasileiro, mas sim de compartilhar com os colegas o aumento considerável de trabalhos de/com flauta doce que aconteceu nos últimos vinte anos através da realização de pesquisas com a divulgação de artigos que resultam de mestrado e doutorado no Brasil e que abordam trabalhos e pesquisas em diferentes contextos e segmentos de/com o ensino da flauta doce. Relacionados aos espaços das escolas de educação básica e de projetos sociais trago os trabalhos de Beineke (1997), Cuervo (2009), Freixedas (2017). Já nos cursos de Graduação em Música destaco as produções de Weichselbaum (2013), Ivo (2015), Souza, Torres e Potthoff (2017), Torres e Weichselbaum (2019) e Anders (2019). Finalizo com as pesquisas que focalizam questões de repertórios, escolhas de métodos e metodologias para o ensino do instrumento, assim como de obras de compositores e períodos da história da música, além de abordagens e histórias da flauta doce no Brasil, ressaltando dentre elas as de Paoliello (2007), Barros (2010), Carpena (2007), dentre várias outros.

Como destaquei anteriormente, não tive a pretensão de incluir todas as pesquisas realizadas, mas de apresentar um recorte do panorama da flauta doce no Brasil, com alguns dos trabalhos com os quais tive contato.

Flauta doce: entre tocar e dar aulas na escola básica

O conhecimento que se faz pelas narrativas de si torna sua própria história um objeto de investigação, extraindo saberes para si e para o outro, fazendo o registro dessa construção histórica para evidenciar acontecimentos que o formaram nos contextos históricos, sociais, culturais e, neste caso, músico-educacionais (ABREU, 2017, p.2009).

Instigada pelas palavras de Abreu (2017) em artigo sobre histórias de vida de educadores musicais do Distrito Federal, compartilho fragmentos das minhas narrativas de si como partes de minha trajetória ao longo destes anos e, como uma docente formadora que se aposentou há dois anos depois de atuar por quase de 45 anos como uma educadora

musical, transitando entre escolas de educação básica, projetos sociais, escolas específicas de música, curso de Pedagogia, cursos de licenciatura em música, me dei conta de que a flauta doce fazia/faz parte destas histórias e sonorizou muitas das cenas e narrativas de si que compartilho nos limites deste texto.

Nesta direção, trago as palavras de Pineau (2020) em artigo em que o autor discute, dentre vários aspectos, a “ancoragem do movimento (auto)biográfico nas histórias de vida de intelectuais “ordinários” e novos profissionais sociais” (p.57), trazendo questões relacionadas ao momento da aposentadoria e de revisitar escritos e obras, alguns questionamentos que envolvem a formação permanente, mesclada com nossas experiências vividas e nos traz algumas perguntas:

Mas, depois da aposentadoria, o que acontece? E como o que se passa pode ser interessante para a profissionalização? Parece-me que as atividades de aposentadoria representam um importante capital experiencial da formação permanente (PINEAU, 2020, p.64).

Pineau prossegue em suas reflexões com narrativas e ressalta uma proposta que, de acordo com o autor, o convida “a entrar novamente na minha vida”, e prossegue questionando-se sobre o sentido da formação permanente no final da vida. Ele finaliza agradecendo a Bernard Liétard (2014) por levá-lo a “refletir sobre a experiência dos meus primeiros dez anos de aposentadoria, a fim de tentar explicar as aprendizagens” e complementa perguntando se existe alguma aprendizagem e, se sim, quais são elas? (2020, p.64).

Cabe lembrar que nas minhas memórias musicais, as primeiras sonoridades e aprendizagens de música vieram com os sons do piano que os irmãos mais velhos tocavam e com as primeiras arcadas no violino, instrumento que comecei a estudar aos 10 anos de idade com uma vizinha que era violinista e professora do instrumento. Ao mesmo tempo em que tinha as aulas de violino, comecei a frequentar as aulas de Teoria e Solfejo durante quatro longos anos e em seguida as aulas de Harmonia e Morfologia, que duraram por dois anos. Havia bastante teoria musical a aprender, solfejos a estudar, transposições a fazer, harmonizar trechos e estudar intermináveis escalas e estudos no violino. Nesse momento da vida estava com 16 anos e cursando o antigo curso Clássico/Letras e Artes, que corresponde ao atual Ensino Médio e tinha aulas de música no colégio durante todo o antigo curso

ginasial e participava do Coral da instituição. As aulas e atividades de música na escola eram muito gratificantes e eram sempre coletivas.

Nessa mesma época, em torno dos meus 16 anos, comecei a estudar flauta doce com uma amiga do colégio, e ela me dava aulas e ensinava as noções básicas do instrumento, como respiração, digitação e articulação. Logo fui me encantando com a flauta doce e começamos a tocar com uma amiga dela, fazendo duetos e trios de um repertório variado, entre trios da Renascença e peças do folclore nordestino.

No mesmo ano em que eu me formei na Universidade, com 22 anos, iniciei minha atuação como educadora musical na escola onde havia estudado e, desta maneira, passei a ser colega dos meus antigos professores de música. Uma alegria e ao mesmo tempo um grande desafio e também era a oportunidade de ter muitas aprendizagens!

Nessa ocasião comecei a estudar flauta doce e a tocar em um grupo de flauta doce com o prof. Helder Parente, jovem professor e flautista doce que também tocava vários outros instrumentos de época e que havia retornado de uma bolsa de estudos de alguns anos no exterior, no Instituto Orff. Iniciamos assim as aulas coletivas de flauta doce com a inserção posteriormente também do canto e de outros instrumentos como violas da gamba, alaúde, bandolim, crumhorn e instrumentos de percussão variados. De acordo com o depoimento da professora Adriana Rodrigues Didier, no “Programa Caderno de Música” que foi ao ar no dia 25 de março de 2017, a professora Adriana comenta que ele “era considerado um músico completo. Além de possuir uma voz única, ele foi um dos melhores intérpretes de flautas doces e instrumentos de época que já existiu no país, além de representante do **Método Orff de Educação Musical** aqui no Brasil” (<https://radios.ebc.com.br/caderno-de-musica/2017/03/helder-parente-e-homenageado-no-caderno-de-musica>) Acesso em: 20 de julho de 2021.

Estas foram vivências de formação musical e humana que carrego nas minhas memórias com muito afeto e respeito. Destas aulas nasceu o Grupo Fontegara, do qual eu participei ao longo de 10 anos, juntamente com a professora Theresia de Oliveira e colegas do colégio onde havia estudado e, que nesta época, já estava trabalhando como educadora musical.

Aguardando o navio chegar

A formação, quando adota a mirada reflexiva sobre a experiência vivida, em nenhum momento, deve ser entendida como uma (trans)formação sem crises. Ela adota, ao contrário, na perspectiva dialética, uma dimensão histórica, em franca ruptura com os ideais iluministas, que estimavam um aperfeiçoamento linear, progressivo e a-histórico do desenvolvimento humano (PASSEGGI, 2011, p. 154).

Escolhi este excerto de Passegi para abrir este tópico em que trago memórias de minha formação em flauta doce e o início de minha docência, impregnadas de dúvidas, surpresas e vontade.

Era o ano de 1972 e, ao mesmo tempo em que começava minha história como educadora musical, com turmas de educação infantil e séries iniciais na escola, tive a oportunidade de realizar um estágio durante todo esse ano com a professora Helle Tirler na Escola alemã Corcovado, Rio de Janeiro, na qual passava uma manhã por semana assistindo as aulas de música e flauta doce da professora com suas turmas. Foi um aprendizado muito especial, pois nessa escola todos os alunos tinham aula de música no currículo e havia o trabalho de/com flauta doce nas aulas. Eu não sabia falar alemão, mas participava das aulas e a cada dia, novas surpresas e aprendizados. Minha gratidão às professoras Helle Tirler e Theresia Oliveira, por terem me oportunizado vivenciar essa experiência.

Ao mesmo tempo em que fazia esse estágio na Escola alemã Corcovado, já iniciavam as aulas no Colégio onde iria lecionar flauta doce, Centro Educacional de Niterói, chamado carinhosamente de Centrinho, e eu, pela primeira vez, entrava em sala de aula com turmas de educação infantil e do 1º ao 4º ano do ensino fundamental, como professora de música. Cabe esclarecer que o colégio em que lecionava tinha um projeto de trabalhar com flauta doce nas aulas de música em todas as séries iniciais e importou uma quantidade em torno de 500 flautas doce soprano do Japão.

Sim, elas vieram de navio! Durante o ano de 1972, aguardamos com muita ansiedade a chegada das flautas para iniciarmos o trabalho de/com flauta doce nas aulas de música. Finalmente chegaram as flautas doces tão esperadas e junto com elas vieram os desafios e as aprendizagens coletivas de flauta em sala de aula. Era a escolha de repertório, o trabalho com jogos de imitação, alguns jogos e exercícios de improvisação, entrelaçados aos aspectos técnicos relacionados ao conhecimento, exploração e execução no instrumento tais como respiração, articulação, repertório, digitação, volume de som e muito mais!

Em relação ao ensino da flauta doce na escola de educação básica com suas práticas e metodologias, compartilho com as ideias de Freixedas (2017), quando a autora enfatiza que:

A partir das inúmeras possibilidades sonoras exploradas, é possível realizar várias outras atividades como jogos de escuta, sonorização de histórias, composição de pequenas peças e de paisagens sonoras, improvisações, dentre tantas outras. Estas atividades possibilitam o contato com o instrumento de maneira criativa, estimulando a livre expressão e a imaginação, além da possibilidade de aproximação com outras linguagens artísticas, permitindo vivenciar experiências variadas, significativas, desde o início do aprendizado (FREIXEDAS, 2017, p.84).

Atuei como educadora musical nessa escola até o ano de 1978, local onde tive aprendizagens preciosas no meu processo de formação continuada e, quando nasceu minha primeira filha e eu me afastei por um tempo da escola. Passei a dar aulas particulares de flauta doce para grupos de crianças e adolescentes e nessa fase da vida continuava tocando no Grupo Fontegara. Surgiu também a possibilidade de ministrar aulas de flauta doce para adultos que gostariam de se musicalizar e comecei a trabalhar com grupos de mães de alunos do colégio, colegas e profissionais de diferentes áreas que queriam tocar esse instrumento. Foram tempos de novas aprendizagens!

No ano de 1980 viajei com meu marido e um casal de filhos pequenos para morar no exterior por um período de dois anos e, levava na bagagem, além das roupas e objetos pessoais, carregava as flautas doces e muitas expectativas quanto a essa aventura “americana”. Deixei todos os meus alunos particulares, que na época era um número em torno de trinta, entre crianças, jovens e adultos, assim como um grupo instrumental de crianças que regia, substituindo uma amiga que havia viajado para a Alemanha. Partimos em agosto de 1980 e, depois de alguns meses lá, entre as dificuldades da língua estrangeira, as questões envolvendo o cotidiano das crianças e da casa, a flauta doce volta a fazer parte da minha rotina, pois comecei a fazer um dueto com um oboísta americano, tocando flauta contralto e ensaiando outros repertórios.

Ainda com as sonoridades dos duetos do oboé e da flauta contralto ecoando em minhas memórias, trago as palavras de Passeggi (2021) como uma reflexão para pensarmos como fomos/vamos nos constituindo ao longo da vida, com mudanças e andanças, neste campo das narrativas (auto)biográficas e a educação musical.

De modo que nós não pegamos a agulha e a linha para bordar nossa história, nós somos a agulha, a linha e o bordado que fazemos sobre o tecido da vida. Mas será que o poder de se constituir ao tecer memórias e projetos em devir são privilégios do adulto, de grandes escritores? (PASSEGGI, 2021, p.19).

Sonoridades dos grupos instrumentais

Entre idas e vindas, bagagens e mudanças, um dos tópicos que considero importante trazer para esse artigo está relacionado aos grupos instrumentais de flauta doce dos quais participei, tanto como discente ou como docente/regente. Certamente em cada um destes espaços de fazer musical coletivo pude aprender e trabalhar com escuta musical e também com a percepção do outro.

O primeiro grupo instrumental do qual participei foi, como já citado, o Grupo Fontegara¹, sob a regência do professor e flautista Helder Parente e que iniciou com colegas do colégio onde eu havia estudado e agora estreava como educadora musical. O grupo era composto por uma professora de música da escola, professora de música, alunas/os e ex-alunas, tendo a sua formação com o quinteto de flautas doce (da soprano à flauta baixo) e ampliado com instrumentos de cordas como violas da gamba, alaúde, bandolim, assim como krumhorns e instrumentos de percussão Orff. Trabalhamos com um repertório bem variado, desde peças da Renascença para flautas, cordas e canto, até a execução de músicas de compositores brasileiros e contemporâneos, para flauta doce. Havia um prazer de ensaiarmos e tocarmos juntos, de participarmos de concertos didáticos em escolas, de fazermos apresentações musicais em diferentes espaços, de viajarmos para apresentações, de tocarmos em casamentos e também de trabalharmos com questões didático-musicais do ensino da flauta doce.

Foram muitas formações de grupo que variavam entre quartetos, quintetos, sextetos e outras, repertórios mesclados com platinelas, tambores e peças medievais, imbricadas com sonoridades brasileiras, dentre outras. Certamente foram aprendizagens musicais que compuseram minha formação musical e que trouxeram, sobretudo, muitas vivências e amizades que ficaram para a vida.

¹ Grupo Instrumental e vocal Fontegara, com a regência do professor Helder Parente e da professora Theresia de Oliveira, ao longo de 10 anos, na cidade do Rio de Janeiro.

Nas três escolas de educação básica onde atuei como educadora musical por mais de duas décadas, sempre busquei realizar o trabalho coletivo com flautas doce e, em uma delas (Escola Santa Rosa de Lima/RS)² organizei e regi grupos instrumentais com flauta doce, trabalhando com colegas da área, na perspectiva de se fazer música coletivamente. O mesmo desejo me acompanhou nos dois Cursos Superiores de Graduação em que trabalhei³ como docente e onde tive a oportunidade de participar de grupos de flauta doce com alunos e colegas das instituições. Cabe pontuar que em todos estes grupos de flauta que participei, tanto como instrumentista, docente/regente, não havia seleção ou teste específico para as pessoas participarem dos grupos. Havia a vontade e o comprometimento de cada um em formar e manter estes coletivos musicais!

Entrelaço estas reflexões sobre os grupos instrumentais e o significado de participar deles na minha formação pessoal e musical, assim como de estar em um exercício constante de sonorização da vida, que nos permite criar, compartilhar, socializar, tocar, improvisar, cantar e, como destaca IVO (2015), em artigo sobre a prática coletiva de flauta doce no ensino superior, a autora ressalta que:

Além dos aspectos musicais desenvolvidos, há também os psicossociais. A socialização, através da convivência nos ensaios, nas apresentações, nas viagens. A cooperação, através do auxílio na superação das dificuldades. A responsabilidade e a disciplina, através da vontade de cada um de se dedicar ao grupo e da cobrança dos colegas. A autoestima, através do estímulo de fazer parte de um grupo. A desinibição, através da constante exposição a várias pessoas, nos ensaios e nas apresentações (IVO, 2015, p.8).

Para este tema de tocar flauta doce em um curso de licenciatura em música, escolhi uma citação relacionada ao trabalho de flauta doce coletivo nestes espaços, especificamente em um curso de Licenciatura em Música onde não há a prova específica de música para o

² Grupo Instrumental Santa Rosa de Lima, na cidade de Porto Alegre. Fui regente e flautista juntamente com a professora Dra. Viviane Beineke.

³ Grupo Bloco de Vento/Fundarte/UERGS, na cidade de Montenegro. Foi organizado e regido pela professora Dra. Marília Stein e participei como flautista e Grupo de Flautas do IPA, do curso de Licenciatura em Música do Centro Universitário Metodista/IPA, na cidade de Porto Alegre. Atuei como regente e flautista juntamente com a profa. Dra. Cristina Bertoni dos Santos.

ingresso e no qual a flauta doce acontece como uma disciplina obrigatória no primeiro e segundo semestres do curso. A partir da prática docente com esse componente curricular ao longo de dez anos na Licenciatura em Música, trago algumas reflexões de Souza, Torres e Potthoff (2017), nas quais os autores destacam que:

A possibilidade de inserção em um mundo musical novo, e o encontro com diferentes realidades musicais e sociais, abre um espaço interno para o crescimento, embora na maioria das vezes também gere insegurança, motivada pelo contato com o novo, com o desconhecido e, muitas vezes, em um cenário social-musical distante de sua realidade de origem. (SOUZA, TORRES e POTTHOFF, 2017, p. 108).

No que diz respeito aos processos formativos nos cursos superiores de música, seja com as aulas coletivas de flauta doce ou com as práticas nos grupos instrumentais, acredito que as múltiplas experiências musicais coletivas vivenciadas pelos estudantes dos cursos de música nos diferentes espaços de aulas ou de grupos instrumentais, foram marcantes no sentido de poderem levar para estes coletivos suas práticas e saberes musicais específicos e únicos, sem perderem suas identidades, mas ao mesmo tiveram oportunidades de exercitar esses entrelaçamentos, estes processos de socialização com/na música.

Sonoridades finais

Nós somos como pessoas pequeninas neste vasto mundo. Para não se perder e dirigir seu futuro, paradoxalmente, você deve refazer periodicamente seus passos para identificar as pedras deixadas no caminho e detectar com elas o sentido, construído ao caminhar (PINEAU, 2020, p.62).

Trago novamente Pineau (2020) para compor as linhas finais deste texto, com o sentido de buscar refazer meus passos ao longo destes anos com minhas histórias com a flauta doce. Ao encerrar estas narrativas, com a certeza de que muitas memórias musicais da minha vida com a flauta doce ficaram de fora, destaco que foram lembradas algumas cenas e pessoas a partir da minha subjetividade, dos momentos da escrita, dos espaços e tempos que tive e das escolhas que fiz para compor este trabalho. As lembranças vieram embebidas em muitas sonoridades, entre fortes, suaves, tuttis e solos, ora com um Baião ou

uma Bossa do compositor Tasso Bangel, ora com os acordes do “The Silver Swan”⁴ ou os compassos de alguns minuetos, mesclados com composições dos alunos/integrantes dos grupos de flautas, em um mistura eclética de ritmos e estilos musicais.

Ao longo do trabalho também não tive o objetivo de responder aos meus questionamentos que propus no início destes escritos sobre a flauta doce e, que já me acompanham por mais de 40 anos, mas sim de ter a oportunidade dialogar com os colegas sobre estas temáticas envolvendo as práticas musicais de/com flauta doce com os olhares da pesquisa (auto)biográfica.

Ao encerrar o escrito destas memórias, que me desencadearam muitas outras lembranças, desvelaram cenários e trouxeram sonoridades, destaco que as flautas doce continuam a fazer parte da minha vida, não mais em aulas no ensino superior e apresentações dos grupos, mas em cursos online, nas pesquisas por outros repertórios e nos encontros e brincadeiras com netos e netas na minha casa, entre melodias do folclore infantil, improvisações e muitas explorações sonoras.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos. História de vida e sua representatividade no campo da educação musical: um estudo com dois Educadores Musicais do Distrito Federal *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Campo Grande, MS, v. 23, n. 45, p. 207-227, jan./jun. 2017.

ANDERS, Fernanda. Fazendo música juntos: narrativas de integrantes do Conjunto de Flautas Doces da UERGS. *Tese (Doutorado em Educação)*, UFSM, 2019.

BARROS, Daniele Cruz. *A Flauta Doce no século XX: o exemplo do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

BEINEKE, Viviane. A Educação Musical e a Aula de Instrumento: Uma visão crítica sobre o ensino da flauta doce. *Revista Expressão*, Ano 1, Nº 1/2, Santa Maria, 1997.

CARPENA, Lúcia. Caracterização e uso da flauta doce nas óperas de Reinhard Keiser (1674-1739). UNICAMP, *Tese (Doutorado em música)*, 2007.

⁴ “The Silver Swan” é um madrigal de Orlando Gibbons (1583-1625) que executamos inúmeras vezes no Grupo Fontegara, com vozes e instrumental, sob a regência do professor Helder Parente. A escuta ou execução desta música está impregnada de memórias!

CUERVO, Luciane. Musicalidade na performance com a flauta doce. *Dissertação de mestrado*, PPGRDU/UFRGS, 2009.

IVO, Laís Figueiredo. A prática coletiva da flauta doce no contexto do ensino superior: uma investigação de três grupos musicais ligados à universidades. *Anais do XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical*, Natal, 2015.

FREIXEDAS, Cláudia Maradei. Caminhos criativos no ensino da flauta doce: ampliando práticas e repertório. *Anais do IV Simpósio Acadêmico de flauta doce da EMBAP*, p.81-91, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Práxis Educacional*, 17(44), 2021.

PINEAU, Gaston. Ancoragem de uma política de pesquisa em ciências humanas: histórias das novas profissões sócio-educativas em formação. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 5, n. 13, p. 55-70, 28 jun. 2020.

PAOLIELLO, Noara de Oliveira. A flauta doce e sua dupla função como instrumento artístico e de iniciação musical. UNIRIO, *Monografia* (Graduação em Música), 2007.

SOUZA, Lourival; TORRES, Maria Cecília de Araujo Rodrigues; POTTHOFF, Ayres. Grupo de Flautas Doce em um curso de Licenciatura e Música: aprendizagens coletivas. *Anais do IV Simpósio Acadêmico de flauta doce da EMBAP*, p.103-108, 2017.

TORRES, Maria Cecília de Araujo Rodrigues; WEICHSELBAUM, Anete Susana. Formação de professores no curso de licenciatura em música: uma experiência com a prática instrumental e composicional com a flauta-doce, *Revista da Fundarte*, ano 19, n.38, p.164-189, 2019.

WEICHSELBAUM, Anete Susana. Flauta doce em um curso de licenciatura em música: entre as demandas da prática musical e das propostas pedagógicas do instrumento voltadas ao Ensino Básico. UFRGS, *Tese* (Doutorado em música), 2013.